

Capitalismo sem peias



Por Gabriel Cohn e por Ricardo Musse*

Duas apresentações do livro de Ricardo Pagliuso Regatieri, um relato dos debates sobre o caráter do nazifascismo entre os membros da Escola de Frankfurt.

Apresentação, por Gabriel Cohn

A Teoria Crítica da Sociedade tornou-se um bom exemplo do “marxismo ocidental” ao concentrar-se na análise *soft* do capitalismo, abandonando o lado *hard* dos fundamentos materiais da sociedade. Perry Anderson certamente concordaria com essa afirmação. Mas não Ricardo Pagliuso Regatieri, que apresenta em [Capitalismo sem peias](#) (Humanitas, 2019) uma brilhante refutação daquele lugar-comum.

Demonstra que os mestres da chamada “Escola de Frankfurt” jamais recuaram diante da exigência de ir até o fundo da organização da sociedade para encontrar o conteúdo das formas culturais e do padrão civilizatório que tão bem souberam estudar. Não lhes faltou empenho para isso. O que faltou foi tempo e oportunidade para levar uma massa de debates e anotações a condições de publicação.

É exatamente isso que ele reconstrói passo a passo, começando com importante debate em 1941 na Universidade Columbia (que havia dado condições para a continuidade no exílio norte-americano do trabalho do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt). Tratava-se de reunião de pesquisadores em diversas áreas para examinar em conjunto as novas condições do capitalismo, com referência especial ao nacional-socialismo alemão.

Costuma-se, a esse respeito, concentrar-se no debate entre o economista Friedrich Pollock e o jurista Franz Neumann sobre a forma de organização econômica e política da Alemanha nazista. O primeiro teria obtido mais influência no rumo da discussão, com sua tese do

“capitalismo de Estado”. Regatieri mostra que já nesse passo as coisas não eram tão simples e vai acompanhando os desdobramentos disso até chegar no ponto mais forte de seu argumento. É que ele vai buscar naquelas preocupações com a organização e as tendências do capitalismo o conteúdo mais fundo e não explícito (porque deveria ser desenvolvido depois) da grande obra do Instituto no período, a *Dialética do esclarecimento* de Horkheimer e Adorno.

Em apoio a essa robusta tese ele apresenta o resultado de sua pesquisa documental, que demonstra a importância decisiva para o pensamento daqueles autores da figura do *racket*. O termo designa vários tipos de atores sociais e políticos no cenário do capitalismo monopolista, tanto na Alemanha, onde constitui elemento central na organização do poder político e econômico, quanto nos Estados Unidos, onde convive com organização institucional democrática.

O essencial, no caso, é que o *racket* é uma espécie de forma degradada da classe, voltada não tanto para organizar a sociedade como para apropriar-se da riqueza produzida ao trata-la como reserva de despojos a serem disputados por todos os meios disponíveis. Atuam sem peias, tal como o capitalismo que os gera também se encontra à solta naquela etapa da sua fase monopolista.

Ao fazer isso, Regatieri produziu livro muito significativo, que ainda oferece a muito apreciável vantagem de ser muito legível e trazer ampla informação sobre cada aspecto do seu tema, incluindo interessante exposição e análise da *Dialética do esclarecimento*. Nenhum minuto é perdido na leitura deste livro.

Prefácio, por Ricardo Musse

Capitalismo sem peias foi composto como uma daquelas obras da *op art* que muda de aspecto a cada deslocamento do observador. No caso, conforme o interesse do leitor. Organiza-se como uma junção de planos que podem ser focados separadamente, mas que são ininteligíveis sem as referências do conjunto.

À luz de determinado ângulo pode ser visto como um acompanhamento da gênese de *Dialética do esclarecimento*. Quando se gira o olhar, pode ser compreendido como uma história do debate – no âmbito da Escola de Frankfurt – sobre o sentido e o significado do nazifascismo. Visto de outro rincão, surge como uma apresentação da trajetória intelectual, nos anos 1940, de Max Horkheimer e de Theodor Adorno, salientando os movimentos que os conduziram à crítica do processo civilizatório.

As diversas dimensões do livro são construídas com competência ímpar e uma originalidade que, pouco ressaltada pelo autor, saltam aos olhos do leitor. Os temas e conceitos que nortearam Horkheimer e Adorno no período, apesar de sua importância, só agora começam a ser debatidos. E não só no Brasil.

Capitalismo sem peias inicia-se, de chofre, com o relato das diferentes posições acerca da natureza do nazismo, apresentadas num ciclo de conferências organizado por Max Horkheimer na Universidade de Columbia, entre novembro e dezembro de 1941. O debate contou com a participação de Herbert Marcuse, Arcadius R. L. Gurland, Franz Neumann, Otto Kirchheimer e Friedrich Pollock. Nem todas as comunicações foram publicadas na revista do Instituto de Pesquisas Sociais, cuja circulação, mantida regularmente desde o início da década de 1930, encerrou-se em 1941.

A primeira novidade do livro reside

aí, na escolha de seu ponto de partida. As reconstituições da polêmica entre os frankfurtianos acerca do caráter do nazismo localizam-na, geralmente, apenas nos artigos publicados na revista do Instituto ou, então, limitam-se – como faz Rolf Wiggershaus em seu livro clássico *A Escola de Frankfurt* (Difel, 2002) – a apresentar as divergências de posições entre Pollock e Neumann.

Ricardo Regatieri não

desconsidera os variados artigos sobre o assunto, publicados na revista do Instituto, renomeada então como *Studies in Philosophy and Social Science*. Tampouco ignora a importância do livro de Neumann, *Behemoth: The Structure and Practice of National Socialism, 1933-1944*. Sempre que necessário recorre, com pertinência e conhecimento de causa, a esse conjunto.

A estratégia de priorizar o

“debate de Columbia” possibilita o exame da questão sob uma baliza diferente. Primeiro, abre a oportunidade de ressaltar coordenadas ali presentes sobre a caracterização do nazismo, obscurecidas, em certa medida, pela contraposição habitual entre capitalismo de Estado e capitalismo monopolista. É o caso, por exemplo, do papel atribuído à tecnologia e à racionalidade imanente ao processo. O principal, porém, talvez seja a contribuição de Regatieri para o esclarecimento da posição de Horkheimer (e em menor medida de Adorno), a partir do acompanhamento de suas ações e reações.

Horkheimer esquivou-se da

discussão prévia do conteúdo de cada uma das conferências. Como diretor do Instituto e editor da revista, seu procedimento habitual consistia em discutir os artigos com seus autores, tornando-os compatíveis com o leque de posições teóricas e práticas defendidas pelo Instituto. A intensidade das divergências inviabilizava qualquer esforço do diretor para, valendo-se de sua autoridade, buscar convergências. Essa situação, somada às dificuldades financeiras decorrentes da Guerra – agravadas pela entrada dos EUA no conflito – encerrou temporariamente o trabalho coletivo, peça central do projeto executado no âmbito do Instituto, a partir de 1931.

O segundo capítulo de *Capitalismo sem peias* debruça-se sobre

os artigos publicados por Horkheimer entre 1937 e 1943. Um dos fios da investigação

procura aferir em que medida o diretor do Instituto inclina-se a favor de uma das teses em conflito: a de um capitalismo planejado politicamente dirigido ou a de um capitalismo monopolista que exacerba a exploração econômica. Descartando as variedades de nuances resgatadas por Ricardo Regatieri, talvez se possa resumir o percurso dizendo que Horkheimer não se mostra inteiramente partidário de nenhuma das duas.

Horkheimer procura inserir seu diagnóstico do presente em considerações de longo prazo. Confronta a situação atual com o liberalismo, destacando o processo que levou à liquidação do capitalismo concorrencial e sua transformação em um capitalismo monopolista autoritário comandado, via aparelho estatal, pelos chefes da indústria, do exército e da administração. Nesse sentido, define a fase liberal como o interregno de uma dominação direta e brutal, caracterizada por um intenso controle da vida dos indivíduos.

Na parte final desse bloco, Ricardo Regatieri reconstitui as atualizações da teoria das classes de Karl Marx, desenvolvidas por Horkheimer e Adorno em artigos separados e sintomaticamente convergentes. Adorno identifica no liberalismo, em contradição com a apregoada livre concorrência, uma relação assimétrica intensificada pela dominação extraeconômica. No capitalismo monopolista, a concentração de capital se apresenta como “expressão da sociedade como um todo”, tornando o antagonismo de classe invisível.

Tornou-se quase lugar-comum salientar o impacto das teses de Walter Benjamin, “Sobre o conceito de história”, em *Dialética do esclarecimento*. A teoria da história desenvolvida por Benjamin nesses fragmentos certamente orientou e direcionou a construção do livro de Adorno e Horkheimer. Nem sempre se reconhece, porém, o ponto de partida de ambos: a similitude de diagnósticos sobre o momento histórico.

Horkheimer e Adorno tomaram como tarefa investigar, preliminarmente, a ofuscante barbárie do presente. Na busca dessas determinações, redigiram, em consonância com suas reflexões anteriores, uma série de excertos – abandonados sob a forma de manuscritos – que foram denominados de “teoria dos *rackets*”. O termo *racket*, então corrente na literatura científica norte-americana, designa agrupamentos e associações políticas e econômicas que se valem da violência, explícita ou subliminar, para criar e manter monopólios de diversos tipos (tanto do capital como da força de trabalho).

Ricardo Regatieri, por meio de uma análise minuciosa do conjunto desses excertos – inclusive do material inédito que pôde consultar no arquivo do Instituto de Pesquisas Sociais –, mostra como esses fragmentos podem ser considerados “uma espécie de elo perdido entre o debate de Columbia e a *Dialética do esclarecimento*”. Configuram também uma tentativa de compreender os

condicionantes do Estado autoritário e a degradação das classes e, por conseguinte, dos conflitos entre elas.

O capítulo final é

inteiramente dedicado a esboçar linhas de interpretação da *Dialética do esclarecimento*. Ressalta, primeiramente, suas convergências com o diagnóstico do presente e com a teoria da história elaborada por Walter Benjamin, em suas “Teses”. Expõe os desdobramentos da intenção, enunciada por Adorno em uma carta a Horkheimer, de conceber “a dialética do esclarecimento como uma dialética entre cultura e barbárie”.

Se Horkheimer, em artigos

anteriores – no arco que vai de “Teoria Tradicional e Teoria Crítica” (1937) a “Sobre a Sociologia das Relações de Classe” (1943) –, estendeu suas observações ao capitalismo pregresso, ao período do liberalismo concorrencial, em *Dialética do esclarecimento* as considerações de longo prazo retrocedem à pré-história. Pagliuso Regatieri apresenta instigantes chaves de leitura para a compreensão da passagem da crítica ao capitalismo à crítica da civilização.

A “teoria dos *rackets*” já atestava um deslocamento da ênfase na exploração econômica – premissa geral do marxismo convencional –, para a crítica da dominação. A barbárie, singularizada na Alemanha hitlerista, não poderia ser compreendida como exceção. Adorno e Horkheimer procuram, assim, desentranhar a “racionalidade da dominação”, o processo que conduz do mito ao esclarecimento e vice-versa.

Os capítulos anteriores do

livro de Ricardo Regatieri fornecem importantes elementos para a compreensão dessa racionalidade que abarca e supera a “racionalidade econômica”. Destacam, por exemplo, o interesse de Horkheimer pelo aparato tecnológico, questão posta em pauta pelo artigo de Herbert Marcuse, de 1941, “Algumas implicações sociais da tecnologia moderna”. Pagliuso Regatieri apresenta também os momentos e os contextos em que o termo *racket* aparece em *Dialética do esclarecimento*, procedimento imprescindível tendo em vista que a edição brasileira, ao optar por traduzir esse termo por diferentes vocábulos, ignorou seu caráter conceitual.

Capitalismo sem peias tampouco se exime de confrontar as determinações, nem sempre explícitas, de Adorno e Horkheimer sobre o capitalismo contemporâneo com as posições apresentadas por outros membros do Instituto no “debate de Columbia”. A exegese e a comparação de dois ensaios inseridos em *Dialética do esclarecimento*

– “A Indústria Cultural: O Esclarecimento como Mistificação das Massas” e “Elementos do Antissemitismo: Limites do Esclarecimento” – permitem observar que, para Adorno e Horkheimer, a situação do indivíduo pouco difere quando se passa do capitalismo “democrático” para a sociedade nazifascista.

***Gabriel Cohn** é professor emérito do FFLCH da

USP e autor, entre outros livros, de *Weber,*

Frankfurt: Teoria e pensamento social (Azougue, 2016).

***Ricardo Musse** é professor do departamento de sociologia da USP.

A Terra é Redonda